

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

268

INSCRIÇÕES 895-897



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2024

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



NOVA ARA A JÚPITER DE IDANHA-A-VELHA (*Igaedis*)
(*Conventus Emeritensis*)

Ara de granito róseo, recolhida há alguns anos no leito do rio Ponsul, a jusante da antiga ponte de Idanha-a-Velha, no local conhecido como Beiradas¹, por Sebastião Lopes, morador no Adingeiro, lugar da freguesia de Monsanto da Beira².

O monumento deverá ter feito parte dos muros que marcavam as margens antrópicas da linha de água que abraça a povoação. Estes, que podem remontar ao século XVII, ajudavam a orientar o curso do rio e a gestão do seu caudal, estabelecendo um controlo das cheias e uma ordenação do usufruto produtivo das pequenas hortas que bordejam o rio e os acessos ao alfoz.

Em 1801, o erudito e polígrafo galego José Andrès Cornide de Folgueira y Saavedra (1734-1803), ao serviço da Real Academia de la Historia, de Espanha, visitou Idanha-a-Velha numa missão

¹ LACERDA (Sofia), OSÓRIO (Marcos) e CARVALHO (Pedro C.), «Contributo para o estudo do povoamento rural de *Igaedis* (*Civitas Igaeditanorum*) através de um mapa de usos potenciais da terra (MUPT)», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 2019, p. 213-228. Na p. 236 identificam no local um *tugurium*. Alguns anos antes, Joaquim Baptista já havia referenciado vestígios romanos nesse local: BAPTISTA (Joaquim), *Subsídios para a carta arqueológica da freguesia de Idanha-a-Velha*, Vila Velha de Ródão, 1998, p. 61.

² O monumento foi transportado para a residência do achador, local onde ainda hoje se encontra. Agradecemos ao senhor Sebastião Lopes, entretanto falecido, e à sua esposa todas as facilidades que nos concederam para o registo desta nova ara.

de identificação de monumentos epigráficos romanos, tendo relatado que a aldeia já estava “*reducida a un miserable Pueblo que habitan 25 vecinos alojados en casas fabricadas con las piedras que salieran de sus murallas*”. Apontou, também, algumas das modificações do urbanismo da localidade, nomeadamente a sua ponte, que ainda hoje é classificada de romana: “*Sobre el río Ponsul hubo un puente romano que arrancaba desde la puerta oriental; pero habiéndoselo llevado el río, se edificó con las piedras que quedaran se él otro más abajo y éste creo el de que dieron noticia al Padre Higuera, que dice tenía cinco ojos*”³.

A ara está completa, registando-se apenas escoriações no capitel e algum desgaste na face epigrafada, sobretudo ao nível do campo da linha 2. O capitel (Fig. 1) é fora de comum, apresentando-se orlado de toros e com uma cavidade quadrangular delineada em toda a sua extensão, de molde que nos faz hesitar na classificação tipológica do monumento: crê-se ser uma ara, mas essa característica do capitel levaria a supor tratar-se da base de uma estátua, o que as dimensões parecem, por outro lado, enjeitar. Está trabalhada nas quatro faces, o que pressupõe a sua visibilidade autónoma. Separou-se o capitel do fuste por platibanda e faixa directa. Na base, a molduração é de garganta reversa. No conjunto, um monumento a seguir as regras clássicas na sua tipologia (Fig. 2).

Dimensões: 62 x 29 x 28 cm.

Campo epigráfico: 42 x 29 cm.

IOVI · O(*ptimo*) · M(*aximo*) / [...] VILI[?] / SERENVS /
V(*otum*) · A(*nimo*) · L(*ibens*) · S(*olvit*)

³ ABASCAL (Juan Manuel) e CEBRIÁN (Rosario), *Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid: Real Academia de la Historia, 2009, p. 697; SALVADO (Pedro), «Idanha-a-Velha: um rosto periférico da memória: elementos para a história do património igeditano», *Memória e história local: colóquio internacional realizado em Idanha-a-Nova*, Coimbra: Palimage, 2010, p. 207-255; PIÑERO RIVAS (Carlos), «El devenir de la historiografía moderna en España durante el siglo XVIII: aportaciones de José Cornide», *Tiempos Modernos: revista electrónica de historia moderna*, vol. 8, nº 33, 2016, p. 35-65.

A Júpiter Ótimo Máximo. (...) Sereno cumpriu o voto de livre vontade.

Altura das letras: 4 / 5 cm. Espaços interlineares: 2: 3; 3: 3; 4: 5 cm.

A inscrição ocupa $\frac{3}{4}$ do campo epigráfico, a denunciar que se destinava a ser lida de um nível inferior ao olhar do observador. Linhas bem espaçadas, a denotar gosto por parte do *ordinator*. *Puncti* de separação circulares. Caracteres actuários, mas com boas reminiscências da letra capital quadrada. Deste modo, atendendo à paleografia, não se desdenharia em lhe atribuir uma datação do século I da nossa era.

Na l. 1, apercebendo-se de que não teria espaço bastante para escrever as siglas de identificação da divindade no mesmo módulo com que iniciara a epígrafe, o lapicida esculpiu o O ligeiramente abaixo do nível inferior da linha e o M mais abaixo ainda e comprimido. O I de *Iovi* é mais alto que as demais letras, como frequentemente sucede.

Na l. 2, mesmo socorrendo-nos das imagens obtidas com os programas que Alexandre Canha teve a generosidade de nos proporcionar (Fig. 3), o desgaste inicial da superfície é grande e não permite identificar os caracteres que ali terão sido gravados.

Na l. 3, o *cognomen* SERENVVS, do dedicante, lê-se sem dificuldade: S bem simétrico, R não fechado, caracteres de traço vertical. Há, pois, duas hipóteses de reconstituição da l. 2: contém o *praenomen* (*Caius*?) e o *nomen* de *Serenus* ou eventual epíteto de Júpiter. Na verdade, só se logram distinguir, no final, as letras VILI. Um *nomen* (por exemplo, [SER]VILI[VS] ?) ou, dada a possibilidade de ali estar um dativo em -i, um epíteto de Júpiter, que não logramos identificar?

A fórmula dedicatória final insere-se no que é habitual.

Temos, pois, mais um testemunho do culto a I. O. M. em *Igaedis*, a juntar aos que Manuel Leitão compilou⁴ e a cujo rol se juntará também na Lusitânia.

Serenus é *cognomen* latino de que Iiro Kajanto, no seu

⁴ LEITÃO (Manuel), *Fontes epigráficas para o estudo do culto a Júpiter em Portugal*, Castelo Branco: Euedito, 2022.

tempo, registou cerca de 150 testemunhos⁵, que não terá, porém, até ao momento, duas vintenas de testemunhos na epigrafia peninsular⁶. Foram 5 os exemplos encontrados na Lusitânia⁷. Atendendo à possibilidade de o dedicante estar identificado com os *tria nomina*, sem indicação de filiação, terá sido, mui provavelmente, um indígena romanizado.

JOAQUIM BAPTISTA
PEDRO MIGUEL SALVADO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



FIG. 1

⁵ KAJANTO (Iiro), *The latin cognomina*, Helsinki, 1965, p. 26.

⁶ Cf. ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia, 1994, p. 505.

⁷ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, p. 298, mapa 273.



FIG. 2



FIG. 3

895